

ID: 106958069

02-09-2023

# “É possível e necessário”

**Danilo Türk** O presidente do Clube de Madrid defende que é preciso “uma visão estratégica, política” para pôr fim à guerra. E mostra-se céptico em relação ao alargamento da UE à Ucrânia

## Entrevista

**Teresa de Sousa** Texto  
**Nuno Ferreira Santos** Fotografia

Preside actualmente ao Clube de Madrid, que reúne chefes de Estados e de Governo que já abandonaram as suas funções políticas para promover a democracia e a resolução de conflitos. Foi eleito Presidente da República da Eslovénia entre 2007 e 2012, como independente, depois de ter sido o seu primeiro embaixador junto da ONU a seguir à independência, entre 1992 e 2000, antes de ser conselheiro de Kofi Annan para os Direitos Humanos. Doutorado em Direito Internacional, Danilo Türk é hoje professor convidado na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque, e no Instituto de Estudos Financeiros da Universidade de Renmin, em Pequim. Veio a Lisboa participar nas Conferências do Estoril, onde proferiu uma intervenção sobre liderança global.

**A Eslovénia tem sofrido cheias devastadoras. A Europa viveu neste Verão temperaturas extremas. O secretário-geral da ONU tem feito avisos dramáticos sobre o risco de chegarmos ao ponto de não retorno no aquecimento global. Vem a Lisboa falar sobre liderança global. É uma questão de liderança política?**

Sim, mas não apenas de liderança global. Temos de perceber que chegou o momento em que cada um de nós tem de levar estas questões muito a sério. Para as pessoas comuns e para os líderes políticos, isso quer dizer que a adaptação às alterações climáticas tem de merecer muito maior atenção. Temos visto fogos tremendos em algumas partes da Europa, particularmente na Grécia, e estamos a sofrer cheias enormes, como na Eslovénia, mas, no último ano, assistimos a idêntico fenómeno na Alemanha, na Áustria e na República Checa. Não prestámos, até agora, a devida atenção à necessária adaptação. Precisamos de regular melhor os caudais dos rios, de um melhor

planeamento urbano e de nos prepararmos melhor para os fogos. Estou a falar de coisas que dizem respeito a toda a gente. Mas os líderes políticos têm de perceber que as mudanças têm de se inserir numa acção global. Nenhum país ou região pode fazê-lo por si só. Porque se fizermos alguns progressos em algumas regiões, mas não houver progresso noutras, não se conseguirá grande coisa.

**A questão incontornável: como vê a situação na Ucrânia?**

O que vemos hoje é uma guerra de atrição que cada um dos lados quer ganhar. Nenhum deles está preparado para falar de paz. Penso que devemos ser muito claros: nenhum dos lados quer falar de paz. Há algumas discussões, mas não são creíveis. Por isso, creio que é uma situação muito difícil e perigosa. Não vejo a possibilidade de qualquer iniciativa de paz no futuro próximo. Temos de esperar e desejar que se venha a abrir uma janela de oportunidade um pouco mais tarde.

**Teme, no futuro próximo, um menor empenho dos Estados Unidos no apoio à Ucrânia?**

Ainda não. Penso que Washington se mantém a favor de um apoio continuado à Ucrânia, mas, como sabemos, Washington é um lugar complicado. Neste momento, a tendência maioritária vai no sentido do apoio à Ucrânia, mas não sabemos por quanto tempo se manterá esta maioria. Os Estados Unidos têm um historial de nem sempre serem confiáveis em situações como esta, daí haver alguma preocupação.

**A Europa está preparada para tomar a liderança no apoio à Ucrânia, se for preciso?**

Infelizmente, a resposta tem de ser não. Não creio que a União Europeia esteja preparada para desempenhar um papel de mediação. A União Europeia impôs à Rússia sanções sem qualquer precedente e sabemos, da experiência passada, que é muito difícil levantá-las. Este papel tem de surgir de fora da Europa.

**A Europa e os Estados Unidos estão a dar à Ucrânia o apoio necessário para que possa libertar o território da ocupação russa?**

Não sei, não sou perito em questões militares, mas ouço opiniões diferentes. Há sempre uma tendência nas guerras para que se diga que não se tem os meios suficientes. Não tenho uma resposta definitiva, mas não creio que seja esse o aspecto fundamental desta guerra.

**Qual é, então, o aspecto fundamental? Acha, mesmo, que é possível negociar com Vladimir Putin?**

Creio que o aspecto fundamental é político. É necessária uma visão estratégica, política, sobre como pôr fim a esta guerra. Ainda não vejo essa visão em parte nenhuma. Nem na Rússia, nem na Ucrânia, nem na Europa ou nos Estados Unidos, ou seja onde for. Toda a gente fala em vencer.

Sobre a questão de negociar com o Presidente Putin, penso que não só é possível, como é necessário. Não nos esqueçamos de que, em Março de 2022, depois dos esforços que foram feitos pela Bielorrússia e por Israel, o Presidente Erdogan conseguiu um esboço de acordo de paz, que a Ucrânia rejeitou, seguindo o conselho dos Estados Unidos, do Reino Unido e também da NATO. Creio que foi uma oportunidade perdida. As guerras são mais fáceis de parar quando ainda estão na sua fase inicial.

**O seu país viveu durante muitos anos do outro lado da Cortina de Ferro. Os países da Europa Central e de Leste avisaram várias vezes os seus parceiros da Europa Ocidental para a ameaça que a Rússia de Putin representava. Não foram ouvidos. Hoje já há essa percepção partilhada por quase todos os países europeus? Sinceramente, não creio que os países de Leste tivessem razão. E não se esqueça de que a Eslovénia fazia parte da Jugoslávia, que era um país não alinhado.**

**Sim, mas sob regime comunista. Mas isso queria dizer que se tinha uma comunicação muito boa, com o Ocidente e com o Leste. Portanto, esse medo não é algo que partilhemos. Compreendemos que a Rússia e a União Soviética representassem um problema para a Europa de Leste, mas não pensámos que a Rússia estivesse**



preparada para travar uma guerra com a Europa Ocidental. Era essa a nossa perspectiva.

Pessoalmente, não penso que a Rússia seja uma ameaça para a União Europeia, enquanto tal. É, sim, um problema porque se comporta de uma maneira a qual a Europa tem dificuldade em lidar. Nem sempre foi assim. E, no futuro, talvez possamos desenvolver um sistema de relações que permita uma cooperação pacífica. Por isso, não creio que haja uma inevitabilidade que faça da Rússia uma constante ameaça para a Europa.

**Charles Michel esteve na Eslovénia há poucos dias e disse que o alargamento da União Europeia à Ucrânia e aos Balcãs devia estar concluído em 2030. Pensa que é possível?**

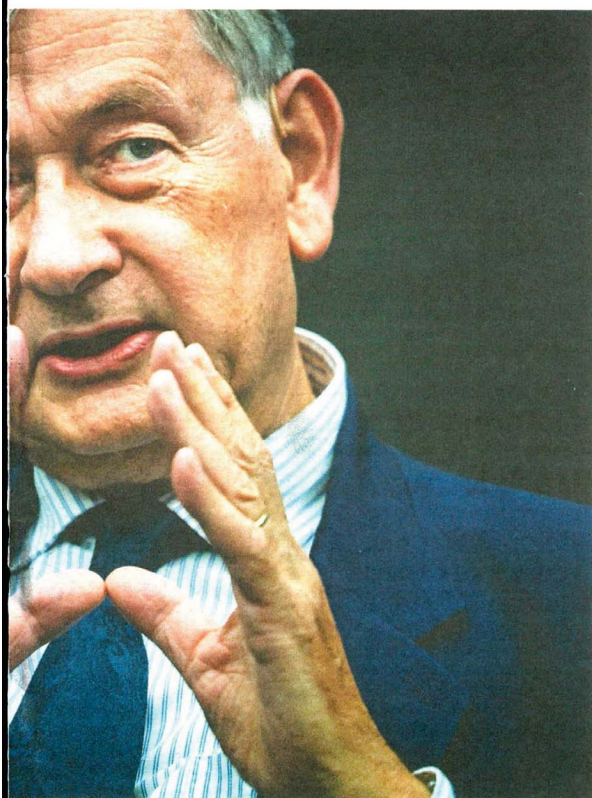
Pessoalmente, sou bastante céptico. Já ouvimos muitas promessas, muitos compromissos, já foram propostas muitas datas, mas as coisas acabam por não

acontecer. Nem a UE ainda mostrou estar preparada para realmente o fazer, nem os países candidatos fizeram até agora o suficiente para cumprirem os critérios necessários à adesão. Por isso, não sei se 2030 é uma proposta realista e não tenho qualquer ideia sobre como é que a União abordará essa promessa.

**Mesmo no que respeita às expectativas criadas à Ucrânia? Um grande país que vai precisar de ser reconstruído e tem uma enorme produção agrícola.**

Acredito que será muito complicado. Assistimos a uma enorme boa vontade política, mas não vemos como é que o processo pode ser bem-sucedido. Sou céptico, também, pelos problemas que a Ucrânia coloca, a começar pela Política Agrícola Comum. Creio que o mais importante é tentar pôr fim à guerra, para criar uma situação de paz. Só então podemos falar seriamente de alargamento, que incluirá

# negociar com Putin”



a Eslovénia, a economia cresce e o emprego também. O que justificou esta emergência do autoritarismo populista?

O Governo de Jansa esteve no poder apenas dois anos e chegou lá porque a anterior coligação de Governo se desintegrou. Nesses dois anos, a sociedade civil eslovena mobilizou-se. A sociedade civil na Eslovénia é bastante forte, mas estava, de algum modo, adormecida. Acordou e mobilizou-se, reagindo à forma como ele estava a aplicar as ideias próximas das de [primeiro-ministro húngaro] Orbán. E Jansa foi derrotado de uma forma absolutamente clara, em 2022. Agora, temos uma coligação de governo com uma sólida maioria, que vai ser posta à prova com a tarefa de reconstrução do país depois destas cheias devastadoras.

Se me perguntar sobre a Polónia e a Hungria, eu dir-lhe-ei que os dois países são diferentes. Na Polónia, também há uma sociedade civil forte que vai enfrentar eleições em Outubro. Vamos ver se avançam no mesmo sentido da Eslovénia e se a sociedade civil consegue dizer que “já chega”. É possível, embora não tenhamos a certeza. Vamos ver.

Na Hungria, a situação é muito diferente, porque Viktor Orbán foi capaz de angariar um grande apoio da população. E devo dizer que a União Europeia tem alguma responsabilidade porque, em alguns aspectos das políticas europeias, ele provou estar certo. A União Europeia não fez o suficiente para gerir os problemas ligados às migrações. É fácil para ele dizer agora que ninguém o ouviu há cinco ou dez anos, quando alertou para o problema. A sociedade civil na Hungria nunca foi tão forte e organizada como na Eslovénia ou mesmo na Polónia.

Quando olhamos para o mundo, temos a sensação de uma grande desordem, talvez própria de uma mudança na ordem internacional a que nos habituámos, sem sabermos ainda para onde vamos. A China conquista mais influência e mais aliados. O Ocidente tem dificuldade em mobilizar o chamado “Sul Global”. Como é que é possível reverter algumas destas tendências?

Não tenho a certeza de que possamos falar em desordem. Prefiro falar em mudança, e essa

“

**Não creio que haja uma inevitabilidade que faça da Rússia uma constante ameaça para a Europa**

**Nem a UE ainda mostrou estar preparada para realmente o fazer, nem os países candidatos fizeram até agora o suficiente para cumprirem os critérios necessários à adesão. Por isso, não sei se 2030 é uma proposta realista [para adesão da Ucrânia]**

**Viktor Orbán foi capaz de angariar um grande apoio da população. E devo dizer que a UE tem alguma responsabilidade porque, em alguns aspectos das políticas europeias, ele provou estar certo. A União Europeia não fez o suficiente para gerir os problemas ligados às migrações**

mudança tem várias camadas. Uma delas é, obviamente, a das relações entre as grandes potências. Mas há outra mudança fundamental: a China cresceu e tornou-se um parceiro importante de muitos países do Sul e penso que devemos pensar com cuidado sobre esta mudança. Creio que, para a UE, isso significa conseguir trabalhar com o Sul Global de uma maneira diferente. Temos de desenvolver uma nova abordagem e isso vai requerer que repensemos muitas das nossas políticas do passado.

O Clube de Madrid, ao qual presido actualmente, tem estado bastante activo, nos últimos três ou quatro anos, na promoção de uma cimeira entre a Europa e a América Latina. Ficámos satisfeitos pelo facto de Madrid ter tomado em mãos essa iniciativa, enquanto detém a presidência do Conselho de Ministros da União Europeia. Os países da América Latina já deixaram claro que querem uma nova compreensão da parte da UE. No que respeita à África – e sei que Portugal tem aí uma posição muito activa –, eu argumentaria a favor de um arranjo tripartido que deveria ser liderado pela União Africana e que incluiria a Europa, como parceiro histórico, mas também a China, como o novo e poderoso parceiro, que tem hoje mais de 40 acordos estabelecidos no âmbito da *Belt and Road Initiative*. Dando à UA a oportunidade de liderar o processo.

Não sei se isto é realista, mas sei que alguma coisa de novo tem de ser feita.

A minha pergunta era justificada pelo convite do secretário-geral da ONU para co-presidir a um grupo de personalidades cujo objectivo seria encontrar formas de incentivar um “multilateralismo efectivo”. Acha ainda possível salvar um multilateralismo que seja efectivo?

A resposta é sim e as condições para que isso seja possível têm de ser criadas gradualmente. Vamos ter algumas oportunidades ainda este ano nas discussões sobre os Objectivos do Milénio para o Desenvolvimento Sustentável. E haverá outras oportunidades que a ONU está a criar. Claro que só podem ter sucesso, se essas iniciativas do secretário-geral tiverem o apoio dos Estados-membros. A oportunidade existe e deve ser utilizada.

obviamente a Ucrânia. Há países, como a Macedónia, cuja integração é muito mais fácil – até porque são muito pequenos.

**Está preocupado com o crescimento dos partidos populistas e de extrema-direita, que existem em praticamente todos os países europeus e, nalguns casos, mesmo nos governos?**

Essa é uma questão muito importante. Creio que a principal tarefa dos partidos tradicionais é compreender que as pessoas enfrentam preocupações reais, para as quais têm de encontrar respostas. Por exemplo, o problema das migrações e outras questões que estão relacionadas com o sentimento de insegurança. Esses partidos crescem porque os partidos tradicionais não desempenharam devidamente o seu papel. As pessoas sentem-se inseguras. Há já alguns anos, o Presidente Macron tentou profetizar a ideia de uma Europa

que protege: “*Une Europe qui protège*.” Creio que tinha razão. As pessoas não têm a percepção de que a Europa as protege. E claro que essa Europa não é apenas a burocracia de Bruxelas, é também a dos governos dos Estados-membros.

Creio que hoje a tarefa mais importante é os partidos tradicionais encontrarem a forma de criar um maior sentimento de segurança e de protecção dos cidadãos. Não apenas a segurança física, mas também a segurança política e económica. Por exemplo, a capacidade para lidar com o problema da imigração. Os partidos democráticos tradicionais têm de mostrar capacidade de liderança, sob pena de os populistas continuarem a crescer. **Justamente, no ano passado, os eslovenos derrotaram uma tentativa de “urbanização”, quando derrotaram nas urnas o primeiro-ministro Janez Jansa. As coisas têm corrido bem para**

**Danilo Türk**  
**“É possível  
e necessário  
negociar  
com Putin”**

Mundo, 22/23

is